

Tópicos especiais em Antropologia - O Antropoceno mais que humano

Ementa: a controvérsia em torno do conceito de Antropoceno, entre Geologia, Biologia, Meteorologia, Oceanografia, História, Sociologia, Filosofia, a partir da Antropologia. O Antropoceno em estudos sociais da Ciência, tecnopolíticas, infraestruturas, relações multiespécies. Antropoceno, colonialismo, imperialismo, capitalismo e justiça ambiental. A abordagem etnográfica do Antropoceno irregular, em escalas múltiplas e alternativas.

Objetivos: O Antropoceno é um termo cunhado em meio ao debate sobre mudanças climáticas, pelo químico atmosférico Paul Crutzen (2000), referindo-se a uma época da história geológica da Terra em que os impactos das ações humanas em uma escala planetária alcançaram a grandeza de forças geológicas. Desde então, o conceito foi apropriado de diversas maneiras, tanto para quantificar este impacto e pensar questões sociais implicadas nas formas diversas e desiguais dos coletivos humanos impactarem a vida no planeta e enfrentarem suas consequências, quanto nas formas de conjuntos de entes vivos e não vivos “responderem” à degradação das condições de vida provocada por projetos e estruturas humanas. Assim, entre os objetivos da disciplina estão: 1) Situar estudantes no debate em torno do Antropoceno, discutindo algumas obras de referência e identificando perspectivas críticas e formas de abordagem. 2) Aprofundar o conhecimento da abordagem etnográfica do “Antropoceno irregular”, ou “Mais que Humano”, como proposta por Tsing (2021), presente nos diversos relatos de pesquisa multidisciplinares, produzidos pela equipe de colaboradores da publicação digital “Feral Atlas: O Antropoceno Mais que Humano” (Tsing, Deger, Keleman Saxena e Zhou; 2020). 3) Incentivar estudantes a produzirem breves relatos sobre o “Antropoceno irregular”, a partir de observação direta ou revisão de textos ou obras audiovisuais.

Métodos e avaliação: A disciplina é inspirada na sessão do Atlas Feral que apresenta sugestões de uso da publicação no ensino ([Syllabus 1: The Anthropocene](#)). As aulas consistirão em exposição oral pelo professor de uma contextualização do debate e dos conceitos centrais nos textos selecionados para os encontros, seguida de discussão a partir da apresentação de materiais visuais (exposições, fotografias), reportagens e audiovisuais relacionados às leituras propostas no programa. Quanto ao Feral Atlas, em particular, faremos diversos exercícios em aula de leitura coletiva dos relatórios, materiais audiovisuais, mapeamentos de fluxos e demais conteúdos do Atlas, fornecendo traduções alternativas para o Português dos textos da publicação digital. Serão realizados 5 exercícios em aula a partir dessas leituras dirigidas do Feral Atlas, aplicando conceitos centrais discutidos nas aulas (50% da nota da disciplina pelo conjunto dos exercícios). Ao final do semestre estudantes apresentação breves relatos de pesquisa (50% da nota da disciplina) a partir de observação direta ou revisão de textos ou obras audiovisuais, sobre o tema da disciplina, com base nos textos lidos e discutidos. Os relatos poderão ser produzidos de forma individual ou em grupos de até 4 pessoas. Serão realizados exercícios preparatórios para a realização dessa pesquisa durante o semestre. O relatório poderá ser entregue em formato escrito (1000 a 2000 palavras) ou audiovisual (vídeo de até 15 minutos, ou apresentação em slides/pdf). Os textos, atividades de avaliação, links e materiais audiovisuais apresentados serão disponibilizados na página do curso, na plataforma Moodle, ao longo do semestre.

Frequência: O curso consiste em atividades presenciais semanais no horário da disciplina (sexta-feira, 14:20, 4 créditos) e em atividades de pesquisa para o trabalho de avaliação.

Referências:

Anna Tsing. O Antropoceno mais que humano. Ilha - Revista de Antropologia. Vol 23, n. 01. Florianópolis, PPGAS/UFSC, 2021. 15p.

Anna Tsing. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília, IEB, Mil Folhas, 2019. “Prefácio”, “Contaminação”, “Socialidade mais que humana, um chamado para a descrição crítica”, “Destroços e recuperação”, “Sobre não escalabilidade: o mundo vivo não é submisso a escalas de precisão”. Pp. 14-25; 119-138; 161-200.

Tsing, Deger, Keleman Saxena e Zhou; Feral Atlas: The More than Human Anthropocene. Stanford University Press, 2020. <https://feralatlus.supdigital.org/> (relatos de pesquisa selecionados/ traduzidos)

Bruno Latour. (2014). Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista De Antropologia*, 57(1), 11-31.

Bruno Latour. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. Bazar do Tempo, 2020. Pp.17-54.

Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis, Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014, 176p. (capítulos a selecionar)

Dipesh Chakrabarty. 2009. "The climate of history: four theses". *Critical Inquiry* 35.2. pp. 197-222. Traduzido em: Chakrabarty, Dipesh. 2009. "O clima da história: quatro teses". *Sopro* 91. Jul/2013 <https://culturaebarbarie.wordpress.com/2013/07/20/sopro-91-o-clima-da-historia/>

Entrevista com Dipesh Chakrabarty. <https://www.revistaplaneta.com.br/passamos-a-amar-o-que-pode-ser-nosso-fim-geologico/>

Donna Haraway. "Making Kin: anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene". In: *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Duke University Press, Durham and London, 2016. Pp. 99-103 + notas. Em português: Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

Isabelle Stengers. No Tempo das Catástrofes. São Paulo: Cosac Naify. Coleção EXIT. 2015

Isabelle Stengers. Gaia. Catálogo Forum. Doc 2017. 120-126

Joana Cabral de Oliveira. Agricultura contra o Estado. In: Joana Cabral de Oliveira; Marta Amoroso; Ana Gabriela Morim de Lima; Karen Shiratori; Stelio Marras; Laure Emperaire. (org). *Vozes vegetais. Diversidade, resistências e histórias da floresta*. São Paulo, UBU, 2020. p. 77-96.

Naomi Klein. A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008. Introdução. p11-31.

Ailton Krenak. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

Antônio Bispo dos Santos. *Somos da terra*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, pp. 44 - 51, 2018.

Suzana Vieira. O Astro do Tempo e o fim da Era: a crise ecológica e a arte de assuntar entre os quilombolas do Alto Sertão da Bahia. *ClimaCom*, Ano 2, V. 3, 2015. P.16-33.

Davi Kopenawa e Bruce Albert. A queda do céu: palavras de um xamã yanomani. Companhia das Letras, 2015. Cap 16. "O Ouro canibal". Pp 356-372.

TADDEI, Renzo; HAINES, Sophie. Quando climatologistas encontram cientistas sociais: especulações etnográficas sobre equívocos interdisciplinares. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 21, n. 51, maio-ago 2019, p. 186-209.

Marisol de la Cadena. (2018). Natureza incomum: histórias do antropoceno. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (69), 95-117.

Pedro Castelo Branco Silveira e Rafael Palermo Buti, «A vida e a morte dos guaiamuns: antropologia nos limites dos manguezais», *Anuário Antropológico*, v.45 n.1 | -1, 117-148.

Paul Gilroy. "Where every breeze speaks of courage and liberty": offshore humanism and marine xenology, or, racism and the problem of critique at sea level. *Antipode* 50, 3–22 (2018)

Ivan Gomes. Paisagens [ar]riscadas. 2020. <https://paisagensarriscadas.wordpress.com/>